 Se tivermos a escola errada, corremos o risco de errar de século

■ Continuação da capa

Atrasados na competição

– Tem poder quem tem conhecimento. O que faremos nós , como periferia dos centros de poder que detêm o conhecimento?

– Com a queda do mercado de trabalho, onde 2% produzem todos os alimentos, 10% produzem o que vem da indústria e o restante está no terciário, evidentemente diminui-se primeiro as horas de trabalho e depois o emprego e nós ainda continuamos falando de desempregados. No mundo que vem aí todos serão desempregados. Trabalharemos todos no pleno desemprego. Precisamos pensar em criar uma nova sociedade.

– Como seria essa sociedade?

– Uma sociedade com três distinções: trabalho, emprego e trabalho útil. Trabalho é algo remunerado. Emprego, o que é remunerado permanentemente. O trabalho útil é o que se faz para a sociedade e é recompensado. Não é esmola, mas remuneração por trabalho útil, numa outra visão de sociedade.

– Isso seria ótimo. Mas a população teria que mudar sua visão de mundo. O senhor não está sendo otimista?

– Se olharmos o passado, vemos que ele vem mudando, não podemos comparar o que somos hoje com o que fomos na Idade Média...

– Voltemos ao nosso problema histórico, de país excluído do jogo de poder no planeta baseado no conhecimento – como o senhor disse – e neste momento com uma massa excluída internamente por não ter acesso aos bens culturais e científicos. Como entrar nessa nova sociedade sem esses bens?

– Vou dar um exemplo, que foi usado recentemente aqui pelo sociólogo italiano Domenico De Masi. O trabalho de um ascensorista. Ele fica fechado naquele cubículo, apertando um botão, que pode ser apertado por qualquer pessoa. Ele está, portanto, sendo remunerado para fazer uma trabalho inútil. Um trabalho que não acrescenta valor nem a ele, como pessoa, nem à sociedade. Podemos tirar esse homem do cubículo e pagar-lhe a mesma coisa para ele ir à escola. Por que pagar um salário-mínimo a um ser humano para fazer esse trabalho dentro de uma gaiola?

– Qual seria a base para essa ação?

– Nós temos um sistema de comunicação muito bom capaz de alargar o ensino como nunca, a custo baixíssimo. Com os meios eletrônicos esses estudantes poderiam estudar na hora em que estivessem descansados. Não é uma questão de ter os computadores em casa. Eles podem estar em sindicatos, clubes. Algumas pessoas acham que usar computador para educar é uma proposta elitista. Ora, dizia-se isso da TV há 20 anos.

– A escola presencial seria para formar apenas a elite?

– Além da proposta do aprender a aprender, do empreendedorismo, o sujeito tem que ser capaz de gerenciar uma empresa tão pequena que é ele mesmo. Isso a escola não ensina. As novas gerações precisam saber isso, sobre uma base humanista. Mas também precisamos treinar a mão-de-obra. Como o Brasil poderá ser competitivo disputando com indústrias que têm a universidade dentro da planta, em que o engenheiro estuda para fazer seu mestrado, seu doutorado, sem sair do seu local de trabalho? O operário pode ser preparado para qualidade em seu próprio trabalho.

– O senhor acha que nesse mercado da educação estamos ameaçados?

– Sim, por inércia, por burrice, por preconceito, por ignorância, nós vamos ser invadidos por pacotes estrangeiros. Se, num mundo globalizado, Stanford oferecer um curso à distância, que família vai recusar?

– Qual é a sua proposta de educação à distância?

– Aqui, no Rio, estamos desenvolvendo um modelo, mas é bom esclarecer que uma universidade como a UFF ou a UFRJ, jamais será uma universidade virtual em si. A proposta é fazer uma entidade sem sede, sem sala de aula, que gerencia as competências de várias universidades. É essa a minha proposta. Tomamos as universidades que têm pesquisa, fazemos um consórcio bancado pelo governo – ou seja, os meios para disponibilizar – e recrutamos professores para gerenciar o consórcio.

– Para um país sem recursos para educação, o preço do equipamento não pesa?

– Há opções caras, quase presenciais, simultâneas. Mas há outras mais baratas, como a Internet.

– E a reação dos professores?

– Calculo que numa grande universidade podemos ter apoio de 10 a 30% dos docentes, conscientes de que o sistema aumenta a oferta de postos de trabalho, em vez de diminuir.

– O senhor defende o uso radical do meios eletrônicos?

– As universidades brasileiras precisam passar, primeiro, a usar os meios eletrônicos no ensino presencial. Com uma população televisiva adaptada ao meio não haverá dificuldades. Como estamos muito atrasados, temos que formar as pessoas para as equipes multidisciplinares e tornar o ensino palatável.

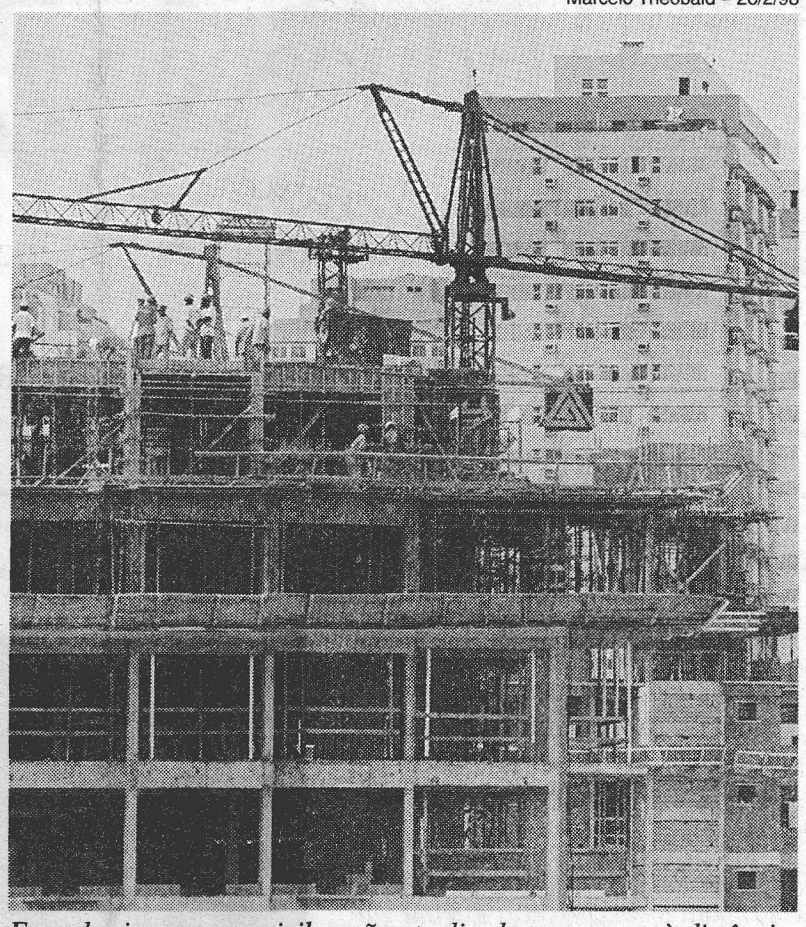
– Como controlar a qualidade do ensino presencial ou à distância?

– No Brasil há uma grande confusão entre profissão e ensino. A universidade outorga título profissional. Aí começa o erro. Formado, o sujeito vai ficar derrubando prédio trinta anos. A universidade não deveria outorgar título profissional, mas formar para a vida e, eventualmente, abrir caminho para uma profissão. O profissional deveria ser certificado de tempos em tempos. Quem controla a qualidade é o mercado. Não foi o governo que decidiu que Stanford era uma grande universidade. Foi o mercado e o mercado se expressa nesse exame.

– Então o sistema de avaliação do MEC, com o provão, não é suficiente?

– Você ensina um engenheiro que o controle de qualidade se faz em processo, e não no final da linha. Não adianta avaliar no final do processo. O provão avalia o parafuso e deixa funcionar o processo errado que fabrica o parafuso. Temos que começar pela outra ponta. A avaliação tem que ser de fora, passando pelo aluno, pelo projeto pedagógico, pela estrutura. Nos Estados Unidos essa avaliação é voluntária, solicitada pelas universidades. O governo não obriga a universidade a ser de qualidade, ninguém obriga o outro a ser de qualidade; é uma decisão interna. As universidades buscam isso porque se não correrem atrás estarão como eles dizem *out of business*. Quem vai para uma universidade que não faz e não divulga sua avaliação? Mas temos que reconhecer que é um esforço que o MEC está fazendo para avaliar o que está acontecendo com o ensino superior.

Marcelo Theobald – 26/2/98



Engenharias, como a civil, serão atualizadas em cursos à distância

Veja a íntegra da Entrevista no JB Online

GLOSSÁRIO DA ECUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Para quem transita pelo mundo informatizado, lidar com os modelos da educação à distância via computadores não é novidade. A diferença é que eles estão sempre subordinados a um projeto pedagógico e submetidos a algum controle de conteúdo. Eis alguns modelos

Cursos virtuais – conjunto integrado de instrumentos do espaço virtual. Hiperdocumento construído por equipe de especialistas, contém textos, gráficos, fotos e vídeos. Sua interface possibilita ao estudante um estudo dinâmico e personalizado, já que permite que cada um percorra o conteúdo de maneira própria.

Midiateca – acervo de conhecimentos sobre vários assuntos para apoio à pesquisa e ao aprendizado, armazenado e disponibilizado em várias mídias como livros, filmes, fotos, revistas, sites da Internet.

Auditório eletrônico – conferência onde um especialista se comunica em tempo real com a platéia, mediado por computador, via rede.

Salas eletrônicas – espaço onde as pessoas se encontram e se comunicam em tempo real para trocar idéias, mediado por computador, via rede.

Grupos de discussão – ambiente eletrônico para a discussão e desenvolvimento de idéias e trabalhos entre os grupos virtuais. No ambiente de aprendizagem os alunos se inscrevem nos grupos previamente definidos pelo professor e, dentro do prazo estipulado, podem discutir com o restante dos participantes do mesmo grupo, de forma interativa. Prevê uma área onde os alunos depositam trabalhos que podem ser observados pelo professor a qualquer momento.

Banco de questões – reúne as perguntas dos alunos e permite que o professor responda sem sobrepor temas.

Rede de especialistas – reúne profissionais de uma área específica do conhecimento, que ficam à disposição para responder questões, dar pareceres, aconselhar estudos e procedimentos a adotar em determinadas circunstâncias, via e-mail e outras formas de comunicação eletrônica.

Fonte: Faculdade Carioca